



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JANAINA MERCIA GONÇALVES DE OLIVEIRA

PEDAGOGIA VESPERTINO NOTURNO: EXPECTATIVAS, DIFICULDADES E
APRENDIZADOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA
TRABALHADORES/AS-ESTUDANTES

FORTALEZA – CE

2023

JANAINA MERCIA GONÇALVES DE OLIVEIRA

**PEDAGOGIA VESPERTINO NOTURNO: EXPECTATIVAS, DIFICULDADES E
APRENDIZADOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA
TRABALHADORES/AS-ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Camilla Rocha da Silva.

FORTALEZA – CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O47p Oliveira, Janaina Mercia Gonçalves de.
PEDAGOGIA VESPERTINO-NOTURNO : EXPECTATIVAS, DIFICULDADES E
APRENDIZADOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA TRABALHADORES-
ESTUDANTES. / Janaina Mercia Gonçalves de Oliveira. – 2024.
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Camilla Rocha da Silva..

1. Estágio supervisionado. 2. Curso noturno. 3. Estudante-trabalhador.. I. Título.

CDD 370

JANAINA MERCIA GONÇALVES DE OLIVEIRA

**ENSINO SUPERIOR NOTURNO: OS DESAFIOS E AS EXPERIÊNCIAS DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA TRABALHADORES-ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Profa. Dra. Camilla Rocha da Silva.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Camilla Rocha da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rosa, por todo o apoio que me deu durante meu percurso árduo na graduação.

Ao meu pai, Gildo, por sempre acreditar que sou capaz de fazer tudo o que me propuser a fazer.

Ao meu namorado, Alison, por sempre me incentivar, me acompanhar e me dar suporte em tudo na vida.

À Profa. Dra. Camilla Rocha da Silva, pela paciência e excelente orientação.

Às professoras participantes da banca examinadora: Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo e Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

E por último, aos(às) estudantes entrevistados(as), pelo tempo concedido e colaboração com esta pesquisa.

“Com a Teoria como Referência, a Prática como ferramenta o professor deve procurar o real que se apresenta diferente a cada dia”. (ANDRADE, 2005, p. 2)

RESUMO

A proposta deste trabalho foi examinar as expectativas, dificuldades e os aprendizados que os estudantes do curso vespertino-noturno de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) tiveram durante a realização dos Estágios Supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como a UFC prepara estes estudantes para esse momento. Entre as bases teóricas que fundamentam essa pesquisa estão Furlani (1998), Pimenta (2008), Lima (2008), entre outros. Utilizando uma abordagem qualitativa, coletamos dados por meio de questionários e entrevistas individuais e a pesquisa contou com vinte participantes. Os resultados da pesquisa apontaram que os estudantes percebem que o curso noturno não atende às suas necessidades, tendo em vista que atualmente ele é, na verdade, um curso vespertino-noturno, ou seja, seu currículo conta com disciplinas e/ou atividades, como por exemplo o Estágio, que são realizados durante o dia. Sendo assim, o curso não contempla as especificidades dos estudantes do turno da noite, que é composto majoritariamente de trabalhadores-estudantes. Isso se torna um desafio para esses estudantes, que encontram muitas dificuldades em realizar essas atividades, sendo a mais pontuada a falta de tempo disponível para a realização dos estágios supervisionados, devido à incompatibilidade de horário de trabalho e o horário da realização dos estágios supervisionados. E isso se torna um grande obstáculo na vida acadêmica desses estudantes, que para concluírem o curso, precisam realizar essas atividades, e para realizá-las, uma parte deles(as) precisa pedir desligamento de suas atividades, enquanto a outra parcela faz acordos com os patrões para realizar seu Estágio, e essa sobrecarga de tarefas e responsabilidades muitas vezes prejudica o rendimento e a qualidade dessa atividade, que não pode ser realizado em sua totalidade, comprometendo o processo formativo dos futuros professores que lutam diuturnamente por uma vida justa e com dignidade.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Curso noturno. Estudante-trabalhador.

ABSTRACT

The purpose of this study was to examine the expectations, difficulties and lessons learned by students on the afternoon-night Pedagogy degree course at the Federal University of Ceará (UFC).

during their supervised internships in Early Childhood Education and the early years of Primary School, and how the UFC prepares these students for this time. Among the theoretical bases for this research are Furlani (1998), Pimenta (2008), Lima (2008), among others. Using a qualitative approach, we collected data through questionnaires and individual interviews, and the research included twenty participants. The results of the research showed that students feel that the evening course does not meet their needs, given that it is actually an afternoon-night course, i.e. its curriculum includes subjects and/or activities, such as internships, which are carried out during the day. As such, the course doesn't take into account the specific needs of students on the night shift, which is mostly made up of working students. This becomes a challenge for these students, who encounter many difficulties in carrying out these activities, the most common being the lack of time available to carry out supervised internships, due to the incompatibility of working hours and supervised internship hours. And this becomes a major obstacle in the academic life of these students, who need to carry out these activities in order to complete the course, and in order to do them, some of them need to resign from their jobs, while others make agreements with their employers to carry out their internships, and this overload of tasks and responsibilities often harms the performance and quality of this activity, which cannot be carried out in its entirety, compromising the training process of future teachers who are fighting every day for a fair life with dignity.

Keywords: Supervised internship. Evening course. Student-worker.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFC	Universidade Federal do Ceará
FACED	Faculdade de Educação
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
EJA	Educação para Jovens e Adultos
ONGs	Organizações não governamentais
NDE	Núcleo Docente Estruturante
MEC	Ministério da Educação
Art.	Artigo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Tipo de pesquisa	13
1.2 Período e locus da pesquisa	13
1.3 – Instrumento para a coleta de dados	14
1.4 – Tratamento dos dados	15
2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO SUPERIOR NOTURNO: EDUCAÇÃO ALÉM DOS LIMITES DIURNOS	16
2.1 O perfil do(a) estudante do período noturno	17
2.2 A perspectiva do(a) estudante do Ensino Superior Noturno	20
2.3 Democratização do acesso ao ensino superior: elementos de compreensão	22
2.4 Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Noturno: um exame documental	25
2.5 Estágio Supervisionado	27
3 EXPERIÊNCIAS E DIFICULDADES DOS TRABALHADORES/AS-ESTUDANTES DOS CURSO DE PEDAGOGIA VESPERTINO-NOTURNO: O QUE DIZEM OS/AS ENTREVISTADOS/AS	31
3.1 Sobre a pesquisa	31
3.2 Perfil dos(as) estudantes entrevistados(as)	31
3.3 Análise de dados	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5 REFERÊNCIAS	44
6 APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	46

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um momento muito importante para os(as) estudantes de qualquer curso de graduação; no caso do curso de Pedagogia, ele é, muitas vezes, a oportunidade de o(a) estudante ter o primeiro contato com a realidade escolar. O estágio não é somente a “hora da prática”, mas um período de pesquisa e relação entre teoria e prática. É neste momento em que o(a) estudante vivencia o que aprendeu durante seus anos de graduação em sala de aula e adquire aprendizados por meio da experiência que só podem ser obtidos desta maneira. Além disso, também é uma maneira de ter contato com diferentes realidades educacionais.

Para os(as) estudantes de Pedagogia, esse é um momento crucial, onde eles(as) começam a se familiarizar com o que realmente significa ser um(a) professor(a). Além disso, os estágios também contribuem para a formação de profissionais mais críticos e reflexivos, capazes de compreender a complexidade da educação e de se engajar na busca por soluções para os desafios do campo educacional.

Para os(as) estudantes do curso noturno, o momento do Estágio Supervisionado pode gerar alguns conflitos, tendo em vista que estudar à noite, muitas vezes, não é apenas uma mera opção, e sim a única opção para aqueles(as) que estão em busca de concluir o Ensino Superior, uma vez que esses(as) estudantes escolhem o curso noturno por já trabalharem durante o dia ou visando a possibilidade de trabalhar neste período. Por conta disto, a realização do estágio poderia gerar alguns contratemplos a esses(as) estudantes, que, eventualmente, encontrarão dificuldades em participar de atividades que acontecem durante o dia. Sendo uma dessas atividades o próprio Estágio Supervisionado.

Mesmo as aulas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) acontecendo em grande parte no período da noite, os estágios na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda precisam ser realizados durante o dia, devido ao horário de funcionamento das escolas. Outros exemplos de atividades que não costumam contemplar estudantes do turno da noite são os grupos de estudos e palestras que, em sua maioria, também costumam ser realizadas durante o dia.

Levando em consideração a modalidade do curso de Pedagogia noturno que, atualmente, é basicamente um reflexo do curso diurno, por esta razão acaba não

atendendo as necessidades de todos(as) os(as) alunos(as) do turno da noite e o perfil destes(as). Diante disso, surgiu a necessidade de entender como vem sendo a experiência dos estágios supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental para os alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Ou seja, examinar quais expectativas, dificuldades e aprendizados essa experiência apresenta para esses(as) estudantes e como ela afeta sua jornada acadêmica. Nesse sentido, após uma breve entrevista com a coordenação do curso, foi apurado que o total dos estudantes da FACED/UFC no semestre de 2022.2 contava com 417 discentes matriculados no curso de Pedagogia Noturno e com 414 discentes matriculados no curso de Pedagogia Diurno, sendo um total de 831 estudantes.

Após obter essas informações e com base nas dificuldades encontradas pelos estudantes do turno da noite, que majoritariamente é composto por trabalhadores(as)-estudantes, foi realizada uma pesquisa por meio de questionário e/ou entrevista, contendo perguntas com múltipla escolha e questões subjetivas para uma melhor construção e desenvolvimento das respostas. Os(as) alunos(as) do turno da noite que participaram da pesquisa foram os(as) que já realizaram as atividades de estágio na Educação Infantil e estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A questão principal que orientou esta pesquisa foi: Como os estágios supervisionados influenciam no processo de formação dos(as) estudantes do período noturno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC)? A partir dela, elaboramos as seguintes questões específicas: a) Como a Universidade Federal do Ceará prepara seus(suas) alunos(as) do período noturno para os estágios Supervisionados (na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental)?; b) Como os(as) discentes do período noturno do curso de Pedagogia relatam a experiência nos estágios na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental?; c) Quais expectativas, dificuldades e aprendizados essa experiência proporcionou a esses(as) estudantes?

Baseadas nestas questões, elaboramos os objetivos da pesquisa, assim definidos: analisar as expectativas, dificuldades e os aprendizados que os(as) estudantes do curso de Pedagogia da UFC tiveram em seus estágios supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Já como objetivos específicos, buscamos: a) Analisar o PPC dos cursos de Pedagogia Diurno e Vespertino-Noturno¹,

¹ O curso de Pedagogia na modalidade vespertino/noturno foi implementado em 2014.1 em resposta a alterações realizadas para garantir que o curso atendesse aos requisitos legais e proporcionasse uma

com o intuito de comparar ambos os cursos e analisar as diferenças entre eles; b) descobrir como o curso de Pedagogia da UFC prepara seus(suas) alunos(as) do período noturno para a experiência dos estágios na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; c) Verificar como os(as) discentes de Pedagogia do período noturno relatam suas expectativas, dificuldades e aprendizados nos estágios na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Entre os autores que fundamentam essa pesquisa estão Furlani (1998), Pimenta (2008), Lima (2008), entre outros.

1.1 – Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa realizado foi o de pesquisa qualitativa, tendo em vista que nossos resultados não teriam foco em representações numéricas, mas sim em uma amostra de resultados reais dentro do nosso objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, buscou-se desenvolver uma reflexão aprofundada das informações coletadas, sob um olhar sensível e crítico, inspirando-se no que esclarece Minayo (2001, p. 14):

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

Para tal, foram utilizados como método de obtenção de dados a realização de questionário e entrevista semiestruturada, para que houvesse maior flexibilidade no andamento da entrevista e uma possibilidade de aprofundamento em relação às questões tratadas, para que, como evidenciou Minayo (2001), houvesse mais envolvimento entre a entrevistadora e os(as) participantes da pesquisa.

1.2 – Período e locus da pesquisa

A pesquisa foi realizada durante o semestre de 2022.2 e contou com a participação de 20 (vinte) estudantes do curso de graduação noturno em Pedagogia da FACED. Foram realizadas seis entrevistas presenciais e quatorze estudantes

formação mais alinhada às características estabelecidas para os cursos de Pedagogia conforme a legislação vigente.

responderam ao formulário online realizado através da plataforma *Google Forms*, cujo link foi enviado aos participantes por meio do aplicativo *WhatsApp*.

1.3 – Instrumento para a coleta de dados

A entrevista e o questionário eram compostos por dezesseis perguntas, iguais para ambos. Tanto a entrevista, quanto o questionário online eram compostos por perguntas abertas e fechadas, para que pudesse haver maior compreensão acerca do assunto abordado.

Foi escolhida a entrevista como meio para realizar essa pesquisa, pois, segundo Gil (1999), ela é uma técnica utilizada nas ciências sociais em que o(a) entrevistador(a) formula perguntas ao(à) entrevistado(a) com o objetivo de obter dados relevantes para a pesquisa. É uma interação social em que uma das partes busca coletar informações e a outra se apresenta como fonte de informação. Essa técnica é amplamente utilizada por profissionais que trabalham com questões humanas.

Já o questionário, segundo Gil (1999, p. 128), é definido

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Nesta pesquisa, o questionário foi escolhido pela maior facilidade de acesso aos(às) respondentes da pesquisa.

O motivo para a utilização dos dois métodos foi para que houvesse maior alcance de participantes. Inicialmente, o plano era conduzir a pesquisa exclusivamente por meio de entrevistas presenciais. Mas, por questão de acesso, foi necessário adaptar-se à realidade do momento. Na época, estávamos gradualmente retomando as atividades presenciais após a pandemia de Covid-19, o que resultou em um número reduzido de estudantes presentes na universidade. Desse modo, para resolver a questão da falta de participantes que se encaixassem no perfil, optamos por utilizar, além da entrevista, um questionário através do *Google Forms*, permitindo que os(as) estudantes pudessem participar da pesquisa mesmo sem estarem presentes fisicamente na universidade.

Já as entrevistas realizadas presencialmente foram registradas por meio de gravações de áudios autorizadas previamente pelos(as) participantes da pesquisa.

1.4 – Tratamento dos dados

Na análise dos dados coletados nas entrevistas, o primeiro passo foi transcrever manualmente as gravações de áudio para texto. Essas transcrições foram realizadas em arquivos do *Google Docs*.

No caso da análise dos dados do questionário aplicado através do *Google Forms*, verificamos inicialmente se os questionários foram respondidos integralmente. Em seguida, organizamos as respostas referentes a cada pergunta em um arquivo da plataforma *Google Docs*, junto com as respostas das entrevistas. Posteriormente, procedemos à identificação de padrões entre as respostas e estabelecemos relações entre as informações coletadas, para proceder à análise, baseando-nos também no referencial teórico que fundamentou o estudo.

Por fim, é importante ressaltar que a pesquisa realizada com os(as) alunos(as) do curso de Pedagogia noturno da FACED/UFC contribuiu para a compreensão dos desafios enfrentados por estes(as) em relação ao estágio supervisionado e para a identificação de possíveis soluções para melhorar a experiência acadêmica e profissional desses(as) estudantes.

2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO SUPERIOR NOTURNO: EDUCAÇÃO ALÉM DOS LIMITES DIURNOS

O percurso educativo e profissional de muitas pessoas inclui a busca pelo ensino superior, que oferece a oportunidade de desenvolver conhecimentos especializados e competências profissionais. No entanto, à medida que a sociedade se desenvolve e as exigências econômicas se tornam mais complexas, a realidade dos(as) estudantes que pretendem prosseguir estudos superiores enquanto têm empregos remunerados se tornou uma história cada vez mais comum.

Mendes (1986, p. 620 *apud* FILHO; QUAGLIO, 2004, p. 76) evidencia isso quando diz:

[...] pode-se sintetizar o aluno dos cursos noturnos, o aluno típico, quase sempre como um trabalhador; o aluno que trabalha durante o dia e que, portanto, normalmente, chega cansado à escola. [...] O curso noturno é procurado como fator de melhoria das condições de trabalho, de emprego, de remuneração e de ascensão social.

O capítulo trata sobre o a complexa interação entre o trabalho e estudos, com destaque para os desafios enfrentados pelos(as) estudantes que tentam realizar os estágios supervisionados enquanto cursam a faculdade no turno da noite e trabalham durante o dia.

De acordo com Furlani (1998), a escolha dos(as) estudantes pelo período noturno não é casual, o aumento da procura pelo ensino noturno teria sido ocasionado pelo empobrecimento da população e pela degradação salarial da maioria dos(as) trabalhadores(as). A maioria dos(as) jovens teve que entrar cada vez mais cedo no mercado de trabalho para que pudesse assegurar a manutenção do seu padrão de vida – ou a sua sobrevivência!

Já que o ensino noturno não é restrito a estudantes que possuem algum tipo de trabalho, seja ele remunerado ou não, torna-se necessário diferenciá-los. Para Furlani (1998), existem três classificações para os(as) estudantes do ensino superior, que seriam: estudante em tempo integral, estudante-trabalhador e trabalhador-estudante. Segundo a autora, o(a) “estudante em tempo integral” seria aquele(a) que tem a disponibilidade de se dedicar exclusivamente à sua formação acadêmica, independente do turno em que estude, pois possui outros meios de se manter financeiramente que não seja trabalhar. O(a) estudante-trabalhador(a) seria aquele(a) que trabalha, mas a renda proveniente

deste trabalho não é sua renda principal, pois conta com outros meios para se manter financeiramente, fazendo com que o trabalho não seja uma grande necessidade. Por último, há o(a) trabalhador(a)-estudante, que tem a necessidade de trabalhar para que possa se manter economicamente, fazendo com que priorize sua vida profissional, sendo os estudos um meio de impulsioná-lo(a) profissionalmente e conseqüentemente melhorar seu padrão de vida no futuro.

2.1 O perfil do(a) estudante do período noturno

Lembro² que durante uma disciplina do primeiro semestre nos foi questionado o porquê de escolhermos o curso de Pedagogia. A maioria da turma já tinha uma resposta pronta e muito bonita, sobre o motivo pelo qual escolheu o curso. Alguns(mas) falaram sobre seu amor pela educação e sua vontade de quebrar um ciclo que vem sendo repetido durante séculos, ciclo esse que nos faz viver em uma sociedade repleta de desigualdade. Outros(as) foram mais específicos sobre a área em que gostariam de se especializar, como por exemplo a educação inclusiva, e que essa era a razão pela qual estavam no curso. Tudo o que eu tinha era um velho sonho de criança, que por muitos anos achei que não iria viver. Dei uma resposta vaga e com alguns tons de piada. Gostaria de ter dado uma resposta tão bonita quanto às dos(as) meus(minhas) colegas, mas a verdade é que eu estava perdida e não sabia bem como tinha ido parar ali.

Desde que descobri que tinha conseguido minha vaga na UFC, a preocupação em relação aos estágios supervisionados e TCC foram as primeiras coisas que me vieram à mente, e eu nem tinha, de fato, ingressado na Universidade. E essas preocupações se deram devido ao fato de eu trabalhar durante o dia. Diversos questionamentos me tomaram o pensamento: Como vai ser quando eu precisar realizar o estágio? Os estágios seriam realizados durante o dia ou seriam em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Será que vou ter que sair do emprego? Existe alguma proposta pedagógica na Universidade que me ajude em relação a isso? Se eu conseguisse um estágio remunerado em uma escola particular, esse estágio contaria para minhas horas no Estágio Supervisionado? No decorrer do curso percebi que essas não eram dúvidas somente minhas, mas de muitos(as) outros(as) colegas de graduação que trabalhavam em áreas diversas.

² O texto foi escrito na 1ª pessoa do plural, no entanto, quando se trata de experiências ou vivências particulares da autora, foi utilizada a 1ª pessoa do singular.

A dificuldade dos(as) alunos(as) do turno da noite em concluir uma graduação completa é uma realidade enfrentada por muitos(as) estudantes universitários. Isso porque muitas universidades oferecem atividades no contraturno das quais os(as) estudantes do noturno acabam impossibilitados(as) de participar. Na maior parte dos casos, o(a) aluno(a) do turno da noite é aquele(a) que optou pelo mesmo por já trabalhar ou pela possibilidade de vir a ter algum trabalho remunerado durante o dia. Geralmente, esses(as) estudantes trabalham durante o dia e estudam à noite para aprimorar suas habilidades e conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho. Uma vez que as condições socioeconômicas são determinantes para a realização do curso. E este fato não se limita unicamente ao ensino superior, desde a educação básica, vemos estudantes no turno da noite, que precisaram abandonar os estudos, colocá-los em segundo plano ou até mesmo trocar de turno, por conta de suas condições socioeconômicas, e estes(as) mesmos(as) estudantes encontraram no ensino noturno a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos.

Entretanto, trabalhar durante o dia não é um pré-requisito para ingressar em um curso noturno. Por muitas vezes, o modo como o curso noturno está atualmente moldado, acaba privando os(as) alunos(as) de atividades extracurriculares e complementares que, em sua maioria, acontecem durante o dia. Como resultado, muitos(as) estudantes acabam desistindo do curso por não conseguirem acompanhar o ritmo da Universidade.

Os(as) estudantes universitários(as) que fazem parte do período noturno possuem um perfil bem variado que os distingue dos(as) estudantes do período diurno. Uma vez que muitos(as) destes(as) estudantes combinam as suas atividades acadêmicas com um emprego a tempo integral ou de meio período, são classificados(as) respectivamente, segundo Furlani (1998), como trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores. E esta é a principal característica desses(as) estudantes.

Ademais, outra característica marcante nos(as) estudantes do noturno é em relação à faixa etária, que costuma ser mais avançada em relação aos(as) estudantes do diurno. É bastante comum encontrar nas turmas da noite adultos(as) que decidiram retomar os estudos e ingressar na universidade em busca de desenvolvimento profissional ou de uma nova carreira. Devido à idade, muitos(as) desses(as) estudantes já trazem na bagagem experiências diversificadas e essa bagagem acaba trazendo diversas

perspectivas para a sala de aula, o que ajuda a enriquecer os debates e as discussões acadêmicas.

Entretanto, o fato de serem pessoas maduras também implica em mais responsabilidades, como, por exemplo, trabalho e família. O que exige a capacidade de gerenciar o tempo e uma organização de tarefas de maneira eficiente. Em outras palavras, o caminho a ser percorrido por esses(as) estudantes durante a graduação é árduo e eles(as) precisam demonstrar capacidade de adaptação e flexibilidade para que consigam lidar com as demandas da vida pessoal, trabalho e estudos.

Porém, mesmo com uma boa organização, nem sempre é possível manter resiliência nos estudos. Assim como diz um dos estudantes entrevistados:

Acho que a necessidade de trabalhar faz com que os estudantes trabalhadores, como eu, tenham que abrir mão de participar de atividades e disciplinas que só ocorrem durante o dia. Além disso, nosso cansaço e falta de tempo suficiente para estudar faz com que nosso rendimento acadêmico diminua e aos poucos vamos atrasando algumas disciplinas ou estágios por não baterem com nossos horários. (Apagador³)

Relatos como o de *Apagador* se repetiram entre os(as) participantes durante as entrevistas e questionários, o que mostra os desafios enfrentados pelos(as) estudantes do período noturno. A falta de disponibilidade para participar de atividades que ocorrem durante o dia pode limitar suas oportunidades de envolvimento acadêmico e enriquecimento pessoal. Além disso, a carga de trabalho e a falta de tempo de estudo suficiente podem afetar negativamente o desempenho acadêmico, causando atrasos na conclusão do curso ou dos estágios supervisionados.

Durante minha trajetória acadêmica, pude observar de perto essa realidade. A cada semestre, o número de colegas que ingressaram no curso no mesmo semestre que eu diminuía progressivamente. À medida que o curso avançava, muitos(as) deles(as) ficavam para trás, seja por reprovação em disciplinas, ou por optarem por uma carga horária menor de disciplinas devido às restrições de suas rotinas. Essas limitações os(as) impediam de cursar mais do que três ou quatro disciplinas por semestre, os(as) deixando, então, com o curso atrasado.

A reprovação em disciplinas é uma consequência direta dessas circunstâncias. A falta de tempo adequado para estudar, aliada ao cansaço causado pelas jornadas diárias de trabalho, fragiliza o desempenho acadêmico e pode levar a resultados insatisfatórios. Essas barreiras adicionais aumentam a pressão sobre os(as) alunos(as)

³ Foram utilizados nomes de materiais escolares como nome fictícios para identificar os participantes.

dos cursos noturnos, fazendo com que eles(as) se tornem mais propensos(as) a desistir ou que percam a motivação para continuar, o que pode afetar diretamente seu desempenho.

2.2 A perspectiva do(a) estudante do Ensino Superior Noturno

À luz das palavras de Libâneo (2005), podemos concluir que não existe um modelo único de educação, ninguém escapa dela, uma vez que estamos constantemente aprendendo e reaprendendo, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola. A educação é uma prática social e por isso não existe um modelo único, já que ela se difere de cultura para cultura e se molda de acordo com as necessidades de determinado povo. Ela não acontece somente na escola, todos os dias nossa vida se entrelaça com a educação, somos o que somos porque assim aprendemos a ser.

As ações pedagógicas vêm de vários agentes educativos, sejam eles formais, não formais ou informais. A educação formal é aquela que ocorre por meio do sistema tradicional de ensino e possui currículo e hierarquia, ela trabalha com planejamentos e cronogramas predeterminados. Segundo Gohn (2006, p. 26), a educação formal ocorre em “[...] território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”. A educação formal é aplicada por um(a) profissional qualificado(a), sendo ele(a) o(a) professor(a).

Já a educação não-formal é aquela que não segue a mesma estrutura obrigatória e rígida da educação formal e costuma ocorrer em ambientes não convencionais. Ela também é confundida por alguns(mas) autores(as) com a educação informal, mas não são a mesma coisa. A educação não-formal não é a educação familiar ou a que encontramos na escola. Esta modalidade pode ser encontrada em Organizações não governamentais (ONGs), associações comunitárias, igrejas, em projetos de esportes, arte ou cultura e até mesmo em espaços escolares. A autora Gohn (2006, p. 29) esclarece a diferença entre elas:

Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.

Já a educação informal, é aquela que temos acesso no nosso dia a dia e não possui caráter institucional, está relacionada a algo empírico. Tem a ver com a socialização do indivíduo ao ambiente em que está inserido, sendo o primeiro deles a família. É a educação informal que molda nosso comportamento perante a sociedade e acontece durante toda a vida do ser humano. Para Ghon (2006, p. 29):

[...] a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc.

No contexto do ensino superior, as dinâmicas pedagógicas assumem nuances especiais. As atividades pedagógicas incluem uma variedade de agentes e isso abarca os ambientes formais e informais, que contribuem para enriquecer a experiência de aprendizagem. Alguns exemplos de atividades que contemplam a educação formal são: aulas, seminários, projetos, avaliações, apresentações em sala de aula etc. Já em relação a atividades que englobam a educação não-formal, podemos ter: grupos de estudos entre estudantes, participação em eventos acadêmicos, mentoria entre alunos(as) etc. E até mesmo a educação informal faz parte do ambiente universitário, uma vez que também podemos aprender em momentos de interação com nossos(as) colegas dentro dos ambientes da universidade ou em outros espaços de interação.

No entanto, vale ressaltar que os(as) estudantes(as) do noturno, que em sua grande maioria são trabalhadores-estudantes, enfrentam dificuldades em participar das atividades que vão além da sala de aula. Especificamente, as atividades extracurriculares, cuja maior parte é ofertada no período diurno, e acabam por se tornar um grande desafio na vida acadêmica desses estudantes.

Ainda que algumas dessas atividades sejam ocasionalmente disponibilizadas durante a noite, frequentemente coincidem com o horário noturno das aulas. E isso impacta na participação dos(as) alunos(as) nessas atividades, uma vez que, por não serem obrigatórias, acaba ficando a cargo do(a) professor(a) liberar a turma para participar das atividades, sem que haja uma grande perda para o(a) aluno(a). Porém, quando a liberação não acontece, fica a critério do(a) próprio(a) estudante escolher entre participar da aula ou das atividades extracurriculares.

Essa situação descrita acima é ilustrada pelo relato de um(a) dos(as) estudantes que participaram da pesquisa:

Para os estudantes do noturno, é muito difícil fazer atividades extracurriculares, projetos de extensão, estágios e ter acesso a outros programas e espaços que a faculdade tem para oferecer. Acredito que isso se deve ao fato de muitas dessas atividades e espaços funcionarem mais em horário comercial e na semana. Eu observo isso até em atividades online, como palestras, por exemplo. Como estudante trabalhadora do curso noturno, eu me sinto excluída de muitas coisas que poderiam enriquecer a minha formação. Até as disciplinas optativas são difíceis para eu cursar, devido a concorrerem com meu horário de trabalho e até com o horário de disciplinas obrigatórias do meu semestre, já que só posso cursar as disciplinas à noite. Acho que deveria ser repensado os planos e práticas pedagógicas para esse público. Porque os estudantes trabalhadores do noturno possuem muitas particularidades: pouco tempo na semana, rotina exaustiva... porém, o desejo de ter uma boa formação e de participar do que a universidade tem para oferecer é o mesmo de quem não trabalha. [...] (Corretivo)

A partir do depoimento deste(a) estudante, que está longe de ser um caso isolado, emerge uma questão fundamental e que merece a atenção da universidade: a dificuldade enfrentada pelos(as) estudantes do turno da noite em participar das atividades extracurriculares e aproveitar as oportunidades acadêmicas além das aulas regulares.

Nesse contexto, fica mais do que claro que a educação no ensino superior vai além da sala de aula e assume diversas formas. No entanto, é notório que os(as) alunos(as) da noite, que são majoritariamente trabalhadores(as), encaram obstáculos significativos para participar plenamente dessas experiências acadêmicas. E quando conseguem fazê-lo, enfrentam algumas dificuldades ao longo desse percurso. Diante dessa realidade, surge o questionamento: os(as) estudantes do turno da noite têm a oportunidade de obter uma formação completa e enriquecedora?

2.3 Democratização do acesso ao ensino superior: elementos de compreensão

Historicamente, a educação tem sido marcada por desigualdades e exclusões e o objetivo da democratização é garantir acesso igual e abrangente ao ensino superior para todas as pessoas, independentemente de sua origem socioeconômica, gênero, raça ou qualquer outra forma de existir.

No passado, segundo Ponce (2001), as comunidades primitivas possuíam um modelo de educação baseado na participação ativa e na transmissão de conhecimentos práticos e culturais. Uma vez que tudo que fosse produzido por eles(as), seria usufruído por todos(as) naquela comunidade, não havia motivo para não o compartilhar com os outros membros.

A educação, inicialmente, não acontecia em escolas, ela era adquirida por meio da experiência, que moldava a criança para o meio em que vivia, aprendendo as

atividades que seu grupo exercia para manter a comunidade funcionando. Para Ponce (2001, p. 19), o:

[...] ensino era para a vida e por meio da vida [...]. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade. E, porque tomavam parte nas funções sociais, elas se mantinham, não obstante as diferenças naturais, no mesmo nível que os adultos.

Essa forma de educação baseada na participação ativa e na observação dos membros mais jovens em atividades do dia a dia proporcionava uma transmissão de conhecimento e habilidades necessárias para a vida naquela sociedade específica. Por meio dessa abordagem, as crianças aprendiam não apenas conhecimentos práticos, mas também normas sociais, valores culturais e habilidades necessárias para se tornarem adultos(as) ajustados(as) aos padrões da sua comunidade.

No entanto, com a evolução da sociedade e o surgimento da divisão de classes, as desigualdades começaram a se estabelecer. Para Ponce (2001, p. 22), “O aparecimento das classes sociais teve, provavelmente, uma dupla origem: o escasso rendimento do trabalho humano e a substituição da propriedade comum pela propriedade privada”. Um exemplo que ilustra essa transformação é a relação entre produção e consumo. À medida que as comunidades humanas passaram a produzir mais do que podiam consumir, os bens que antes tinham apenas valor de uso passaram a ter também valor de troca. Essa mudança na relação com a natureza afetou também os indivíduos, levando as comunidades a desenvolverem sua própria administração e a estabelecer uma divisão entre o trabalho intelectual, responsável pela organização das tarefas, e o trabalho manual, relacionado ao esforço físico. Conforme as necessidades dos indivíduos eram atendidas, surgiam novas demandas, o que exigia a busca por novas formas de suprir essas necessidades.

Com o passar do tempo, aqueles(as) que assumiram as responsabilidades do trabalho intelectual acabaram sendo influenciados(as) pelo poder e começaram a se considerar superiores(as) àqueles(as) envolvidos(as) no trabalho manual. Nesse processo, distorceram o verdadeiro propósito de sua posição na comunidade. Passaram, então, a explorar e lucrar às custas daqueles(as) que contribuía(m) para o funcionamento da comunidade, apropriando-se indevidamente do que antes era um bem compartilhado. Essa apropriação deu origem à propriedade privada e, conseqüentemente, às desigualdades sociais.

A partir daí, aqueles(as) considerados(as) superiores(as) começaram a questionar o motivo pelo qual deveriam proporcionar aos outros membros da comunidade uma educação similar àquela que seus/suas próprios(as) filhos(as) recebiam, uma vez que estes(as) não tinham mais do que seu trabalho manual para oferecer. Como resultado, privaram esses indivíduos de qualquer conhecimento além do necessário para desempenhar suas tarefas. Foi a partir dessa concepção de divisão de classes que a desigualdade começou a se estabelecer nas sociedades antigas, modernas e contemporâneas.

Atualmente, os(as) jovens não são privados(as) da educação básica que é obrigatória; mesmo que ainda haja um número considerável de jovens que não frequentem a escola por “*n*” motivos, a necessidade de educar todos(as) os(as) indivíduos se faz presente, uma vez que o Estado custeia a educação pública, não só a educação básica, mas também o ensino superior.

Agora, embora a educação básica seja obrigatória e custeada pelo Estado, o acesso ao ensino superior em instituições públicas ainda apresenta desafios. A oferta de vagas é limitada em comparação com a demanda e os(as) estudantes provenientes de escolas públicas muitas vezes enfrentam desvantagens em relação aos(às) estudantes de escolas particulares.

Para promover a democratização do ensino superior, algumas medidas têm sido adotadas. Uma delas é o sistema de cotas, que busca equilibrar as oportunidades e oferecer vagas reservadas a grupos historicamente sub-representados, como estudantes de baixa renda, negros, indígenas e pessoas com deficiência. Essas políticas de ações afirmativas visam reduzir as desigualdades e garantir uma representação mais diversa e inclusiva nas universidades públicas.

Além disso, existem programas de assistência estudantil, como bolsas de estudo e auxílio financeiro, que são estabelecidos com o objetivo de apoiar os(as) estudantes de baixa renda e reduzir as barreiras econômicas para o acesso ao ensino superior. No entanto, é importante ressaltar que essas medidas estão longe de serem suficientes. Como uma trabalhadora-estudante do noturno e que já procurou nelas uma luz, sei que as bolsas estudantis disponíveis são limitadas em número e os valores muitas vezes não são atualizados de acordo com a inflação, o que compromete ainda mais a efetividade desses programas.

No entanto, é importante ressaltar que a democratização do ensino superior vai além do acesso. Ela abrange igualmente a qualidade do ensino, a garantia da permanência dos(as) estudantes na universidade, o reconhecimento e valorização da diversidade, bem como a promoção de políticas inclusivas. Infelizmente, é comum que os(as) estudantes do período noturno se sintam excluídos(as) e enfrentem desvantagens em diversos aspectos, o que evidencia a necessidade de uma maior atenção e suporte para esse grupo específico.

Em suma, a democratização do ensino superior apresenta desafios contínuos, principalmente para os(as) estudantes noturnos, que enfrentam obstáculos adicionais em sua jornada acadêmica. Durante minha própria experiência na graduação, pude constatar a falta de ambientes inclusivos que garantam o acolhimento e o apoio necessários aos(as) estudantes noturnos em sua busca pelo conhecimento. Muito pelo contrário, precisamos lidar com a falta de compreensão de professores(as) e de uma grade curricular limitada que pouco contempla seus(suas) estudantes.

2.4 Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Noturno: um exame documental

Segundo o documento orientador para elaboração de Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da UFC (2022, p. 03), o Projeto Pedagógico é “[...] o documento que expressa a sua identidade. Tem como finalidade precípua apresentar à comunidade acadêmica como o Curso se caracteriza e se organiza em função de suas escolhas e percursos para contribuir na formação profissional que se propõe a oferecer aos seus discentes”.

Em outras palavras, o PPC é elaborado por uma comissão que conta com a participação criteriosa de toda a comunidade acadêmica do curso, incluindo professores(as), alunos(as), coordenadores(as), membros do colegiado e do Núcleo Docente Estruturado (NDE). Quanto mais participativo e democrático for esse processo, mais o PPC reflete a verdadeira identidade do curso, respeitando as normas curriculares nacionais e as necessidades específicas dos(as) alunos(as) definidas pelo Ministério da Educação (MEC) e as necessidades específicas do mercado de trabalho da área de atuação do curso.

O PPC é um documento fundamental para garantir a qualidade do ensino superior e deve ser regularmente revisado e atualizado pelas instituições de ensino para

garantir sua relevância e adequação às necessidades da sociedade e de seus(suas) estudantes(as).

Mas será que o PPC do curso de Pedagogia noturno da UFC está organizado de uma maneira que atenda às necessidades de seus(suas) estudantes?

O fato de o curso não ser de fato noturno, mas sim vespertino/noturno, é a primeira sinalização. A maioria dos(as) estudantes sequer sabe que o mesmo se trata de um curso vespertino/noturno. Posso falar por experiência própria, que só descobri isso quando precisei ler o PPC do curso para a realização desta pesquisa.

No PPC do curso, tanto no período noturno quanto no diurno, está prevista a conclusão do curso em no mínimo oito semestres, contanto que os(as) estudantes cursem pelo menos seis disciplinas em alguns semestres. No entanto, isso se torna inviável para os(as) estudantes do período noturno, que, em sua maioria, são trabalhadores(as)-estudantes e já enfrentam dificuldades em sua graduação. Como eles(as) conseguirão conciliar seis disciplinas com suas demais demandas e responsabilidades? Além disso, é importante considerar a vida pessoal que todos(as) nós temos fora da Universidade.

O que se passa na mente dos(as) estudantes que escolheram o período noturno é a expectativa de um curso adaptado para atendê-los(as). No entanto, quando chegam à Universidade, às vezes encontram professores(as) incompreensivos(as) e um ambiente pouco acolhedor. Além disso, as atividades extracurriculares das quais gostariam de participar geralmente não ocorrem no turno em que estão disponíveis na Universidade. E nas poucas vezes que ocorrem, os(as) estudantes não são liberados(as) pelos(as) professores(as) para que possam participar. Sendo assim, a graduação do(a) estudante de Pedagogia noturno estaria limitada simplesmente aos momentos em sala de aula?

O curso noturno de Pedagogia da UFC foi discutido e estabelecido em 1991 e a primeira turma foi inaugurada em 1992, cujo ingresso foi realizado por meio de vestibular e com vagas para cerca de 30 estudantes. O início do curso apresentou desafios, uma vez que muitas das facilidades na universidade não estavam disponíveis no período noturno, como a cantina, a coordenação, a xerox, dentre outros serviços. No entanto, até o final dos anos noventa, a maior parte dessas questões foi solucionada.

Durante muitos anos, a estrutura curricular do curso noturno era essencialmente a mesma do curso diurno, embora houvesse algumas adaptações nos estágios supervisionados, devido à natureza dos(as) estudantes que trabalhavam durante

o dia. Os estágios curriculares eram realizados com turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), oferecidas no turno da noite.

Porém, com o passar dos anos, o currículo do curso noturno passou por alterações significativas. O Projeto Pedagógico do Curso vigente, no período no qual esta pesquisa foi desenvolvida, é baseado na versão de 2014.1 e trouxe mudanças relevantes para o curso e seus(suas) estudantes. Algumas disciplinas passaram por mudanças em sua carga horária, outras passaram a ser obrigatórias e disciplinas ministradas aos sábados pela manhã, quando necessário, foram incluídas no currículo para reduzir o tempo de duração do curso. No entanto, a mudança mais impactante para os(as) estudantes do período noturno foi a obrigatoriedade dos estágios supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que teriam que ser realizados durante o dia, enquanto o estágio na EJA passou a ser opcional.

O curso noturno passou a ser cada vez mais parecido com o diurno, pois ambos possuem a mesma organização curricular, com pequenas diferenças, dentre elas: a carga horária de disciplinas optativas livres, que os(as) estudantes do período noturno podem cursar 22,23% destas disciplinas, enquanto a porcentagem para estudantes do período diurno é de 20%; e na distribuição de carga horária da disciplina de *Metodologia Científica*, em que os(as) estudantes do período noturno realizam todas as 64 horas-aula dessa disciplina de forma teórica, enquanto os(as) estudantes do período diurno têm 16 horas-aula para realizar atividades práticas em campo.

Em suma, o currículo do curso noturno é praticamente o mesmo do curso diurno, o que tem causado muitas dificuldades para os(as) estudantes do período noturno, algumas delas já elencadas nesse trabalho.

2.5 Estágio Supervisionado

O Estágio Supervisionado é um componente de caráter obrigatório nos cursos de graduação em Pedagogia, pois é através dele que, muitas vezes, os(as) estudantes têm o primeiro contato com a realidade encontrada nas salas de aula e têm a oportunidade de vivenciar a teoria aprendida durante os anos de curso.

O estágio é um conjunto de atividades de formação, realizadas sob a supervisão de docentes da instituição formadora, e acompanhado por profissionais, em que o estudante experimenta situações de efetivo exercício profissional. O estágio

supervisionado tem o objetivo de consolidar e articular as competências desenvolvidas ao longo do curso por meio das demais atividades formativas, de caráter teórico ou prático. (BRASIL, 2005, p. 3).

Conforme estabelecido pela Lei 11.788/08, a normatização do estágio dos estudantes, discorrendo sobre o obrigatório e o não obrigatório (Art. 2º), os estágios têm como objetivo proporcionar a complementação do ensino e da aprendizagem. Essas atividades devem ser cuidadosamente planejadas, executadas, acompanhadas e avaliadas de acordo com os currículos, programas e calendários escolares. Coisa que não acontece nos estágios remunerados que muitos estudantes vivenciam no decorrer da sua graduação, mas isso já é assunto para outra pesquisa. Seguiremos então falando sobre o Estágio Supervisionado.

Através dos Estágios Supervisionados, os(as) alunos(as) de Pedagogia podem experimentar diferentes metodologias de ensino, observar e analisar o processo de aprendizagem das crianças, vivenciar a rotina de uma escola, entender o papel do(a) professor(a) e o funcionamento das instituições de ensino e, ainda, entrar em contato com as diferentes realidades socioculturais e econômicas das redes de ensino. No que diz respeito ao estágio supervisionado dos cursos de licenciatura em Pedagogia, ele é a vivência construída nas escolas-campo por meio da observação, nas intervenções realizadas na rotina educacional da turma, o que inclui a elaboração de planos de aula e a proposta de atividades pedagógicas a serem realizadas com a turma.

Pimenta e Lima (2008) afirmam que o estágio possibilita novas oportunidades de ensinar e aprender a profissão docente. A profissão docente está sempre se reinventando e isso se deve a diversos fatores. Podemos usar como exemplo a Educação Infantil, pois a maneira de atuar nesta área não é a mesma de quando a modalidade surgiu. Em seu início, ela possuía um caráter assistencialista, pois as primeiras instituições surgiram durante a Revolução Industrial, quando houve um aumento na demanda de mão de obra, que criou a necessidade de que as mulheres também trabalhassem fora de casa e ocupassem lugares no mercado de trabalho. Com isso, as mulheres precisavam de um lugar onde deixar seus(suas) filhos(as) enquanto estavam em sua jornada de trabalho. Completamente diferente dos dias atuais, onde a criança é vista como protagonista, um ser ativo e participante, com capacidades a serem exploradas e repleta de direitos.

O estágio é compreendido como uma atividade teórico-prática, ou seja, a teoria é algo que não se pode separar da prática, caso contrário, essa teoria seria apenas

saberes disciplinares nos cursos de formação, que pouco poderiam ser associados ao campo de atuação ao qual os estudos se referem.

Ainda para Pimenta e Lima (2008), o estágio é um campo de conhecimento, possuindo um estatuto epistemológico que vai além de uma atividade prática instrumental. O estágio é um componente curricular e eixo central nos cursos de formação de professores(as), e traz saberes e experiências indispensáveis à construção do profissional docente no que diz respeito à construção de identidade, dos saberes e das posturas que o compõem.

A identidade do(a) professor(a) é construída ao longo de sua trajetória atuando como docente, mas essa identidade começa a ser construída ainda durante a graduação e o estágio supervisionado é o principal momento em que podemos ver de fato isso acontecer. Pois, por se tratar de um momento de reflexão, podemos ver essa identidade aparecer durante o contato com a turma, com as propostas de atividades, na maneira como os(as) estudantes com as eventuais situações que possam ocorrer etc. E isso traz a possibilidade de fortalecimento dessa identidade.

“O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 35) e com a profissão de professor(a) não é diferente. E através do estágio supervisionado que podemos ver o que funciona e o que não funciona com a turma e é possível até aprender técnicas novas que acrescentam ao que o(a) estagiário(a) traz na sua identidade. Assim como o entusiasmo e as novas ideias e conhecimentos dos(as) estagiários(as) também podem agregar na rotina dos(as) docentes.

Por conta da pandemia, minha experiência com o estágio supervisionado na Educação Infantil aconteceu de maneira remota, porém, por já ter estagiado em colégios particulares com crianças do Infantil II, eu acreditava que não havia perdido muita coisa, pois eu já tinha alguma vivência nesta área. Entretanto, com o fim da pandemia e a volta ao mundo “real”, pude ter meu estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental de maneira presencial, em uma escola da rede pública de Fortaleza. E mesmo também já tendo alguma experiência com crianças mais velhas, por meio de uma instituição particular, pude ver que mesmo que as crianças tenham a mesma faixa etária, há muita diferença entre as realidades vividas por elas e, por conta disso, possuem necessidades diferentes. Então, não pude deixar de me questionar a respeito das experiências que perdi por ter realizado meu estágio na Educação Infantil de maneira remota.

Quando chegou o momento de realizar o estágio dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no semestre de 2022.1, precisei pedir o desligamento das minhas atividades na escola da rede privada onde eu tinha um estágio remunerado, para que eu não tivesse minha graduação comprometida. Por ser um estágio, a remuneração não era a principal fonte de renda da minha família, mas fez diferença no orçamento, pois era dali que eu tirava o dinheiro para os gastos relacionados à universidade.

E eu não fui a primeira e nem serei a última estudante do período noturno a passar por isso. Pois o estágio supervisionado pode ser um problema para os(as) estudantes do período noturno por diversas razões, como já explicitamos. Em primeiro lugar, muitos(as) alunos(as) que frequentam o curso noturno de graduação precisam trabalhar durante o dia para sustentar a si mesmos(as) e suas famílias, o que, em muitos casos, torna difícil conciliar o horário de trabalho com o horário dos estágios que ocorrem durante o dia. Além do fator trabalho, alguns(mas) alunos(as) podem ter responsabilidades familiares e/ou outras atividades durante o dia que limitam sua disponibilidade para realizar o estágio supervisionado.

Além disso, o fato de que muitos(as) dos(as) estudantes do turno da noite trabalham durante o dia também pode limitar sua capacidade de se envolver plenamente no estágio supervisionado, já que eles(as) podem ter menos tempo disponível para se dedicar às atividades exigidas durante o estágio, como, por exemplo, pesquisas de temas e elaboração de material didático para as regências. Isso pode, por sua vez, afetar a qualidade do trabalho que esses(as) alunos(as) são capazes de produzir durante o estágio, assim como também a sua experiência com essa importante atividade que faz parte do currículo do curso.

Após estas reflexões, apresentaremos, no próximo capítulo, as respostas coletadas nesta pesquisa, bem como nossas análises sobre elas.

3 EXPERIÊNCIAS E DIFICULDADES DOS TRABALHADORES/AS-ESTUDANTES DOS CURSO DE PEDAGOGIA VESPERTINO-NOTURNO: O QUE DIZEM OS/AS ENTREVISTADOS/AS

Este capítulo trata da análise e apresentação dos resultados obtidos durante a pesquisa. Com isso, analisaremos as respostas dos(as) estudantes entrevistados(as), identificando os padrões relevantes para uma reflexão das implicações dos resultados para o contexto da pesquisa em questão.

3.1 Sobre a pesquisa

Com o objetivo de investigar se as dificuldades enfrentadas por mim em realizar os estágios supervisionados durante o percurso acadêmico são compartilhadas por outros(as) colegas de curso e como uma maneira de embasar este trabalho, foi conduzida uma pesquisa com alunos(as) da graduação do curso vespertino-noturno de Pedagogia da FAGED-UFC, matriculados(as) no semestre 2022.2, que já haviam concluído as disciplinas de estágio supervisionado, tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os resultados da pesquisa indicaram que 100% das pessoas entrevistadas optaram pelo curso noturno em decorrência de trabalharem durante o dia ou pelo desejo e necessidade de encontrar atividades diurnas remuneradas, o que sugere que o curso não é apenas uma alternativa ao curso diurno.

Vale ressaltar que todos os dados fornecidos pelos(as) estudantes que participaram da pesquisa foram resguardados e eles(as) serão identificados(as) de maneira fictícia por nomes de materiais escolares (Apontador; Borracha; Caderno; Caneta; Canetinha; Carteira; Cola branca; Cola colorida; Corretivo; Estojo; Giz de cera; Lapiseira; Lápis de cor; Marca-texto; Massinha de modelar; Mochila; Pasta; Régua; Tesoura; Tinta guache).

3.2 Perfil dos(as) estudantes entrevistados(as)

O critério para definição dos(as) participantes da pesquisa foi: estudantes do período noturno que já tivessem realizado as atividades de Estágio Supervisionado.

Relembrando o que já foi dito no segundo tópico deste trabalho, a pesquisa foi realizada por meio de questionários e entrevistas, ambos contendo as mesmas dezesseis perguntas, as quais nos permitiram avaliar especificamente nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, a pesquisa realizada contou com vinte respondentes. Sendo que dezoito entrevistados(as) (90%) se identificam como mulher cis, um entrevistado (5%) se identificou como homem cis e um entrevistado (5%) se identifica como homem trans.

No perfil de estudantes pesquisados(as), a faixa etária variava entre 24 e 41 anos, tendo a predominância maior entre os alunos com idades de 24 a 29 anos, sendo eles(as) 60% dos(as) entrevistados(as). A maioria dos(as) entrevistados(as) respondeu que tem 27 anos, onde a porcentagem destes(as) discentes com essa idade chega aos 25%. Já entre os(as) participantes(as) com idades de 30 a 39 anos, traz uma parcela de 35% dos(as) entrevistados(as). Em contraposto, ocorre uma diminuição massiva de discentes entre 40 e 49 anos, chegando apenas aos 5%.

Já em relação a trabalhar durante a realização dos estágios supervisionados, dezenove participantes (95%) possuíam alguma atividade remunerada neste período. Apenas um participante (5%) não possuía atividade remunerada.

Portanto, de acordo com os dados, nota-se uma presença de mulheres, em sua maioria, seguida por homens cis e trans. Já em relação às idades dos(as) participantes, a maior concentração está no intervalo entre 24 e 29 anos. Além disso, é importante notar que a maioria dos(as) participantes exerceu atividade remunerada durante o período em que realizou o estágio supervisionado.

Desta forma, esses resultados permitem compreender de maneira mais abrangente o perfil dos(as) estudantes do período noturno que participaram desta pesquisa.

3.3 Análise de dados

Para além das estatísticas, agora analisaremos as observações e experiências compartilhadas do ponto de vista dos(as) participantes da pesquisa, acerca das dificuldades encontradas para realizar as atividades que vão além da sala de aula, o que inclui os estágios supervisionados.

Quando perguntado aos(as) participantes se eles(as) trabalhavam durante a realização do estágio, 19 participantes, os(as) respondentes disseram que trabalhavam

durante o dia. O que ocasionava alguns empecilhos, uma vez que mesmo que a maior parte das disciplinas ocorra no período da noite, os estágios na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda precisam ser realizados durante o dia. E não apenas os estágios supervisionados, muitas das disciplinas optativas são disponibilizadas para o vespertino, o que faz com que não sobrem muitas opções de disciplinas optativas para os(as) estudantes do turno noturno escolherem, o que gerou um choque de horário com o trabalho dos(as) estudantes. Devido a isso, os(as) estudantes precisaram se afastar de suas atividades nos dias em que o estágio supervisionado acontecia. Os(as) entrevistados(as) relataram que precisaram tomar medidas extras e negociar com seus(suas) superiores(as) para conseguir realizar seus estágios, indicando que não foi uma tarefa fácil e que precisaram se esforçar para garantir a realização dos estágios supervisionados que fazem parte do currículo.

Sim, precisei fazer outros horários e usar o sábado e domingo para ter tempo para o estágio. (Cola colorida)

Sim. Precisei fazer um acordo com meus superiores para conseguir realizar o estágio. O que foi bem difícil, porque eu não estava há muito tempo na empresa, praticamente implorei para que me liberassem. (Giz de cera)

A pesquisa mostrou também que trabalhar e estudar não é uma escolha feita por prazer. A escolha de trabalhar vem para suprir as necessidades externas, além de gastos individuais e familiares, havia também os custos relacionados à própria universidade, pois mesmo ela sendo gratuita, ainda exigem investimentos financeiros relacionados à locomoção e com os textos que são disponibilizados nas Xerox da instituição, dentre outros gastos. Quando perguntado aos(às) participantes se deixar de trabalhar e dedicar-se aos estudos seria uma opção, 17 estudantes responderam que a sua situação financeira seria consideravelmente prejudicada, pois o trabalho ajudava na formação da renda da família.

Eu fazia um estágio em uma escola particular, não ganhava muito, mas ganhava o suficiente para minhas despesas com a faculdade. Como eu não podia ficar nos dois estágios, tive que sair do estágio remunerado. Minhas condições financeiras ficaram super apertadas. Pois era com o dinheiro do estágio que eu conseguia pagar minhas passagens da faculdade e qualquer gasto eventual relacionado ao curso. Com o que sobra, ajudava na renda da minha família, que não era lá essas coisas. (Tinta guache)

Não, pois somos apenas eu e meu marido, e não conseguiríamos nos manter apenas com o salário dele, levando em conta como anda a situação financeira do país. (Pasta)

Se fosse uma opção, eu não estaria mais no período noturno. (Régua)

Furlani (1998, p. 131) concorda com os(as) participantes da pesquisa, quando diz que “O trabalhador, para continuar estudante, sobrecarrega-se para arcar com os custos – financeiros, emocionais, de esforços e de energia – decorrentes de sua vida universitária”.

Ademais, há muito tempo se sabe que a situação socioeconômica dos(as) brasileiros(as) é um forte determinante para o desempenho escolar dos(as) estudantes. Uma vez que nem sempre dedicar-se integralmente aos estudos é uma opção para todos(as), devido às suas condições financeiras. Durante a pesquisa, também foi questionado aos(às) participantes quantas horas por semana eles(as) dispunham para estudar. Desta forma, 19 estudantes responderam que, por conta da rotina cansativa do dia a dia, torna-se difícil conciliar estudos e trabalho. O cansaço físico e mental e a necessidade de realizar outras tarefas do cotidiano, que também demandam tempo e atenção, acabam dificultando a possibilidade de disponibilizar algumas horas do seu dia para estudar, de forma que os estudos sejam produtivos.

Todos os participantes da pesquisa afirmaram foi que acabam tendo que usar o fim de semana para realizar suas atividades relacionadas ao meio acadêmico e que, por muitas vezes, esse tempo acaba sendo insuficiente, devido à demanda de trabalhos que acabam acumulando no decorrer do semestre. Uma vez também que, assim como afirma Gramsci (1979, p. 138), “[...] o estudo é também um trabalho, e um trabalho árduo que exige esforço”. Esforço e dedicação esses que não podem ser aplicados pelos(as) estudantes do período noturno que estudam e trabalham. Sobre isso, Canetinha respondeu:

É complicado, mesmo eu trabalhando em uma área voltada para educação, me sinto cansada pelo trabalho e trajeto de chegar em casa e ainda pegar o ônibus para ir até a faculdade, estudar e ainda retornar de ônibus, é um processo que cansa. Devido à rotina de acordar cedo, não posso chegar em casa e estudar, porque pode prejudicar meu sono, que já não é lá essas coisas, e aos finais de semana eu penso em descansar, mas não posso, pois tenho que colocar em dia os atrasos das disciplinas que ficaram acumulados. Sinto que principalmente esse semestre estou fazendo tudo no limite, sem uma dedicação plena devido à exaustão de conciliar as coisas. Tem dias que o trabalho cansa, pois faço hora extra, chego na aula ‘morta’ e esperando que acabe logo. Me sinto triste em ter esse pensamento, visto que o estudo deveria me estimular e etc.[...]. (Canetinha)

Diante disso, também foi questionado aos(às) estudantes participantes da pesquisa se o trabalho remunerado que exerciam interferia na qualidade de sua formação. E, novamente, a resposta foi quase unânime, 19 dos(as) participantes partilharam que trabalhar e estudar age de forma prejudicial no seu processo de

formação. Tendo em vista que os(as) estudantes do noturno precisam conciliar os estudos com o trabalho e ambos exigem muita energia e dedicação. O resultado acaba sendo uma sobrecarga de atividades, o que os(as) leva à exaustão, tanto física quanto mental. O fator tempo acaba não trabalhando a seu favor, uma vez que a maioria deles(as) sai de casa muito cedo e não tem tempo nem para passar em casa antes da aula e acaba voltando muito tarde para sua residência. E a única coisa que conseguem fazer é tomar banho, comer e dormir, pois no outro dia a rotina se repete. Eles(as) precisam criar estratégias para conciliar as duas coisas. E por conta da sua situação socioeconômica e da não possibilidade de realizar ambos com excelência, estes(as) estudantes acabam tendo que optar em dar preferência pelo trabalho em detrimento do estudo. É o que dizem os(as) entrevistados(as) abaixo:

O exercício diário de conciliar os estudos e o trabalho é muito árduo e muito desgastante. Precisamos sempre criar estratégias para que nenhuma das duas coisas seja malfeita, mas às vezes é difícil manter-se ativo mental e fisicamente tanto nas aulas, ou quando paramos para estudar em dias de semana pelo cansaço do trabalho. (Cola branca)

Sim, e muito. Passo mais tempo na rua do que em casa e não faço isso porque gosto. Todos os dias, quando chego em casa da aula, por volta das 23:30, só tenho tempo de tomar um banho, jantar e dormir, pois meu dia começa cedo. Só me resta o fim de semana, que não é nem de longe o suficiente. Sem falar nas atividades extracurriculares que ocorrem no vespertino, que fico impossibilitada de participar. Falam de bolsa, mas as bolsas remuneradas não são *pra* todo mundo e sem falar que o valor é muito baixo, levando em consideração o valor das coisas no mercado. Só eu sei o que me custou realizar os dois estágios no turno da tarde. (Lápis de cor)

O relato desses(as) estudantes corrobora com a fala de Sposito (1984 *apud* FURLANI, 1998), de que trabalhar e estudar representam um pesado desgaste físico [e mental], que se acentua por poucas horas de descanso. O que torna sua participação política no trabalho e na faculdade incipiente e fragmentada.

Vendo que a relação entre trabalho e estudo é uma pauta muito marcante e presente nas falas dos(as) participantes da pesquisa, foi pedido a eles(as) que dessem a opinião acerca das relações entre trabalho e estudo no percurso discente. E nesse tópico todos(as) os(as) respondentes concordam que o curso de Pedagogia noturno não atende às necessidades dos(as) alunos(as) do turno da noite. Os(as) entrevistados(as) reclamaram da falta de atividades extracurriculares, grupos de estudos e outras atividades que fazem parte da formação acadêmica que sejam acessíveis a eles(as), que não têm a possibilidade de frequentar a faculdade no diurno (e muitos(as) deles(as), nem aos sábados) e da relação entre a Universidade e os(as) trabalhadores(as)-estudantes, que

enfrentam dificuldades em conciliar as atividades acadêmicas com o trabalho. Além disso, há a sugestão de maior flexibilidade em relação ao Trabalho de Conclusão de Curso, permitindo escolher entre a escrita de um artigo ou de uma monografia. As falas também destacam a sobrecarga enfrentada pelos(as) estudantes trabalhadores(as), que muitas vezes não conseguem cumprir prazos e leituras, e precisam lidar com outras responsabilidades, como cuidar de filhos(as) e da casa.

A universidade, como um todo, não pensa na perspectiva do estudante trabalhador, que não tem condições de viver a universidade e de participar de atividades extracurriculares. Sem mencionar a dificuldade que é cursar a disciplina de estágio. Muitos colegas têm que abrir mão de seus empregos, que são sua fonte de renda, para concluir o curso. Além disso, acredito que o TCC poderia ter maior fluidez se pudéssemos escolher entre a escrita de um artigo ou de uma monografia. (Caderno)

Considero ser uma relação muito complicada, já que a maioria das atividades extracurriculares *são ofertadas* no contraturno (que costuma ser o turno em que se trabalha), sendo que tanto essas atividades quanto as disciplinas optativas são necessárias para a conclusão do curso (horas complementares). E tem também os estágios, que só podem ser realizados durante o dia. Sempre quis entrar na UFC, e durante todos esses anos de graduação sinto que a universidade pública não foi feita *pra* mim. (Lapiseira)

É uma relação muito difícil e cansativa. Principalmente porque a nossa formação é muito 'puxada' e temos que dar conta das responsabilidades do trabalho e da universidade. Nem sempre conseguimos dar conta e no embate entre trabalho (necessidade) e universidade, acabamos deixando a universidade de lado, por falta de tempo e, principalmente, do cansaço. Gerando uma série de atrasos dos prazos que os professores nos dão e a não leitura da maioria dos textos. E quando se pensa que além de estudante trabalhador, ainda carregamos a carga de cuidar de filhos, casa e outras coisas mais (no caso das mulheres), aí é que não conseguimos dar conta mesmo. Fico muito frustrada com isso. Sempre quis entrar na UFC, e infelizmente não posso vivenciá-la como gostaria, porque preciso trabalhar. [Trabalhar] Não é uma escolha, é necessidade. (Caneta)

As falas desses(as) estudantes são coerentes com Furlani (1998, p. 99), quando ela afirma que:

A rotina do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante é regulada pelo tempo estabelecido ou disponível para cada atividade: a jornada de trabalho, que determina o horário para o estudo, além do período de aulas, o tempo para descanso e o sono, as condições e o horário de alimentação, o tempo gasto da moradia ao trabalho e à universidade e a condução utilizada.

Sendo assim, devido à falta de flexibilidade na disposição de atividades extracurriculares de uma maneira acessível para esses(as) estudantes, a Universidade tal como está organizada hoje, acaba se tornando um ambiente inadequado à presença dos(as) trabalhadores(as).

Sem que fosse perguntado, os(as) próprios(as) estudantes começaram a mencionar as disciplinas de estágio supervisionado na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental como um percalço em sua graduação. Uma vez que mesmo sendo alunos(as) do noturno, os estágios curriculares precisam ser realizados no turno vespertino, por conta dos horários de funcionamento das escolas.

Porém, mesmo compreendendo a necessidade e a importância da realização dos estágios supervisionados, os(as) alunos(as) não podem deixar de se queixar em como os horários disponíveis para a realização dos estágios vem sendo inconveniente para eles(as), que, em sua grande maioria, também fazem parte da classe trabalhadora. Muitos(as) precisam abrir mão de seus empregos, que é uma fonte de renda, para concluir o curso. Dos(as) participantes, 5 deles(as) relataram que das duas vezes da semana que o estágio curricular acontecia, eles(as) só podiam participar de um desses dias, pois só conseguiram liberação para tal. Além disso, as atividades extracurriculares e disciplinas optativas são oferecidas no contraturno, que é o horário em que eles(as) trabalham. Os(as) estudantes pedem mais flexibilidade por parte das coordenações, Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e professores(as) para que possam concluir o curso sem ter que pedir demissão de seus empregos. Eles(as) se sentem desrespeitados(as) e injustiçados(as) pela obrigatoriedade das disciplinas de estágio e afirmam que isso inviabiliza muitos estudantes-trabalhadores de concluírem o curso.

Gostaria de um pouco mais de flexibilidade por parte das coordenações, da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e dos professores. Hoje, temos uma grande pedra no nosso sapato, pois temos que cursar uma disciplina 'obrigatória' que nos força matricular nas disciplinas de estágios, nos turnos da manhã e da tarde, justamente, no horário do nosso trabalho. Que nos deixa indignados em saber que, em muitos casos, muitos discentes têm que pedir demissão dos seus respectivos empregos para cursar tais disciplinas e assim poderem terminar o curso. Tal obrigatoriedade, nos desrespeita e nos vilipendia, para 'cumprir' um currículo segregador e cruel. Só isso inviabiliza centenas de alunos-trabalhadores de concluírem o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. (Livro)

[...] quando realizei meus estágios, não consegui participar plenamente, pois só consegui a liberação de um dia no meu emprego. (Massinha de modelar)

Outro problema apontado pelos(as) estudantes entrevistados(as) é em relação aos estágios obrigatórios e não obrigatórios, pois, de acordo com a Lei nº 11.788/2008, Art. 10, Inciso II, o(a) aluno(a) não pode superar a carga horária máxima de 30 horas semanais de estágio. Sendo assim, os(as) estudantes reclamaram que, para realizar o estágio supervisionado, se faz necessário romper o contrato com o estágio remunerado,

uma vez que a realização dos dois tipos de estágios ultrapassa a carga horária máxima estipulada pela lei. O que acaba acarretando problemas financeiros aos(às) estudantes.

Acredito que minha principal queixa se trata dos critérios para realizar a disciplina de estágio obrigatório. Visto que a mesma não é remunerada e não se pode realizar outro estágio com 30h por semana ou mais ao mesmo tempo, tenho que decidir entre um ou outro. Logicamente, uma hora terei que realizar o estágio obrigatório, o que me fará não ter renda para contribuir em casa durante esse período. (Borracha)

Sim, eu estagiava em uma escola particular. Precisei pedir o desligamento, porque já estava adiando muito o estágio e não podia estagiar mais que 30 horas semanais. (Apontador)

O maior obstáculo que vejo para o aluno-trabalhador é o Estágio supervisionado obrigatório, visto que os horários sempre vão chocar para quem trabalha, já que mesmo sendo do Noturno os estágios são no turno diurno ou vespertino. E mesmo para quem só trabalha em estágio remunerado ainda precisa se enquadrar nas 20h semanais para cumprir as 30h máximas exigidas para o estagiário, ou seja, se meu estágio remunerado é de 25h semanais não poderei me matricular na atividade de estágio supervisionado pois extrapola o limite permitido para estagiar. (Corretivo)

Para além disso, também questionamos aos(às) alunos(as) participantes da pesquisa como eles(as) classificavam a experiência que tiveram com os estágios supervisionados. Eles(as) podiam classificar essa experiência como: satisfatória, insatisfatória ou insuficiente. De todos(as) os(as) respondentes, 17 participantes classificaram sua experiência com o estágio como “insuficiente”. Após a classificação em uma das categorias, foi pedido aos(às) estudantes que explicassem os motivos pelos quais consideraram o estágio como tal. A principal reclamação foi em relação ao tempo de duração do estágio, já que, devido à sua importância e ao sacrifício pessoal que é feito para sua realização, consideram que o tempo de duração do estágio é inferior ao que deveria ser. Tanto o tempo de preparação em sala (na UFC), onde o(a) professor(a) responsável pela atividade de estágio passa as orientações, quanto o momento de inserção nas escolas-campo onde os estágios seriam realizados.

Acho que o que me deixou mais insatisfeita mesmo foi a questão do tempo, eu realmente achei que foi muito pouco o tempo disponibilizado para uma disciplina importante, uma disciplina na qual muita gente tem que se afastar do trabalho *pra* fazer e ela ainda é pouco aproveitada. Sem contar que tive dificuldade em usar o que foi ensinado em sala de aula no decorrer da graduação, como se eu não conseguisse conectar a teoria com a prática. (Carteira)

Outro ponto que incomodou foi a dificuldade em conectar os conteúdos vistos em sala de aula no decorrer da graduação, com a realidade encontrada nas escolas durante os estágios. As respostas dos(as) entrevistados em relação a isso ressaltam a

importância do estágio na formação de professores(as), mas advertem que o tempo destinado para essa atividade é pouco para absorver todas as demandas e realidades encontradas na escola pública.

Os(as) entrevistados(as) também destacaram a dificuldade em conectar a teoria ensinada na faculdade com a prática do estágio. Pimenta e Lima (2008, p. 43-42) apontam que ao

[...] estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional. Isso só pode ser conseguido se o estágio for uma preocupação, um eixo de todas as disciplinas do curso, e não apenas daquelas denominadas 'práticas'.

E, de acordo com os(as) entrevistados(as) nesta pesquisa, essa não é uma realidade encontrada no curso vespertino-noturno de Pedagogia da UFC.

Além disso, após suas vivências nos estágios, os(as) participantes da pesquisa afirmaram que a escola pública tem uma realidade diferente daquela ensinada nos livros e pelos(as) professores(as), e que o estágio permite ao(à) aluno(a) conhecer e interagir com essa realidade. Em suma, apontaram que o estágio não está sendo bem utilizado ou aproveitado, as falas destacaram a importância de uma formação acadêmica mais conectada com a realidade do estágio e da escola pública para melhor preparar os(as) futuros(as) professores(as).

Foi uma outra realidade, mesmo já tendo estagiado em escolas particulares, estagiar em uma escola da prefeitura é um outro universo. As crianças são diferentes, as demandas, as rotinas, o histórico das crianças também. Apesar de conhecer a realidade do país em que vivo, senti que vivenciá-la na pele foi algo diferente do esperado. Uma realidade que a gente não aprende na faculdade, com os conteúdos muito didáticos e que pouco têm a ver com a verdadeira prática que o professor enfrenta com seus alunos em sala. Os alunos que vimos em textos e livros na faculdade, pouco ou em nada se assemelham às crianças de verdade que encontramos quando vamos exercer a profissão. (Tesoura)

Já em relação ao tempo disponibilizado para a realização do estágio, foi pedido aos(às) estudantes que falassem um pouco mais acerca desse assunto, perguntando também se eles(as) consideravam se o tempo disponibilizado para a realização do estágio teria sido o suficiente para uma experiência mais completa possível. E como esperado, devido às respostas da pergunta anterior, todos(as) os(as) respondentes disseram que não. Longe disso, na verdade. A profissão de professor(a) é algo muito complexo, pois a mesma lida com crianças em processo de formação, as poucas

semanas em que os(as) estagiários(as) estiveram nas escolas-campo não os satisfizeram e, segundo eles(as), o estágio deixou muito a desejar.

Não, definitivamente não. Não só em relação ao período noturno, mas, em geral, o tempo destinado para o estágio é muito pouco. São muitas coisas *pra* absorver e pouco tempo pra isso. O ideal seria se, desde cedo, os alunos de pedagogia já tivessem algum contato com essa realidade, mesmo que não necessariamente já com o poder de ser o regente ministrando aulas. Mas, pelo menos, para conhecer e sentir o ambiente. Para que o processo de adaptação com a realidade de um professor de escola pública fosse mais rápido. (Estojo)

A gente passa anos na teoria e quase nada na prática. Eu realmente acho que não foi muito proveitoso. Só serviu *pra* mostrar a realidade que enfrentaremos em uma escola pública e não sei se é essa a real função do estágio no nosso currículo. Mas, apesar disso, não sinto que isso possibilitou que realmente vestíssemos a camisa e de fato sentirmos o que é ser um professor, ainda mais o que é ser um professor de escola pública. (Marca-texto)

As respostas dos(as) entrevistados(as) destacam a importância de um contato mais efetivo dos(as) alunos(as) de Pedagogia com a realidade das escolas públicas, seja através de um estágio mais longo ou de uma aproximação mais precoce. Os(as) entrevistados(as) afirmaram que o tempo destinado ao estágio é insuficiente para absorver todas as experiências e desafios da prática de ensino, o que prejudica o processo de adaptação dos(as) futuros(as) professores(as). Além disso, eles(as) criticam a falta de ênfase prática na formação acadêmica, que se concentra principalmente na teoria, e afirmam que essa lacuna dificulta a identificação e a vivência da realidade dos(as) professores(as) de escolas públicas. As falas enfatizam a necessidade de uma formação mais prática e efetiva para a preparação de professores(as), especialmente em relação à realidade das escolas públicas.

A última pergunta das entrevistas/questionários foi em relação à preparação que a UFC ofereceu a eles(as) durante os anos de graduação para a realização dos estágios. Os(as) alunos(as) foram questionados se se sentiam bem-preparados(as). Os(as) respondentes ficaram com dúvidas em relação a isso. Disseram que sim e não ao mesmo tempo, pois, segundo eles(as), houve muita teoria, então, tecnicamente, estavam teoricamente preparados(as). Mas a falta de conexão entre teoria e prática trouxe a eles(as) um sentimento de despreparo durante seus momentos nas escolas-campo.

Olha, sim e não. Como estudante do noturno, sinto que ficou faltando muita coisa, é como se meu curso não estivesse preparado para me receber. Eu trabalhava durante o dia e sentia que estava perdendo muita coisa, isso falando do curso em geral, eu não podia participar das atividades diurnas e desde que entrei na faculdade já me preocupei com o momento do estágio, se me causaria algum problema no trabalho. Tive que me ausentar do trabalho no período da tarde duas vezes por semana. Então, não, não sinto que fui preparada *pra* muita coisa, foi

muita teoria que parecia não se misturar com a realidade. E realmente quando entrei no estágio, vi que muitos autores têm falas bonitas sobre a educação, mas a realidade encontrada nas escolas não bate muito com as palavras deles. (Mochila)

Os(as) entrevistados(as) novamente destacaram a falta de conexão entre a teoria ensinada na universidade e a prática vivenciada pelos(as) pedagogos(as) em sala de aula. E é da falta dessa conexão que os(as) estudantes reclamam, relatam que o curso é muito teórico e não os(as) prepara adequadamente para a realidade das escolas públicas, que apresentam demandas diversas e conflitos significativos. Em resumo, as falas apontaram para a necessidade de uma formação mais prática e conectada com a realidade vivenciada pelos(as) professores(as) pedagogos(as) em sala de aula, em específico nas escolas públicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo conhecer os obstáculos enfrentados pelos(as) estudantes do período noturno na realização dos estágios supervisionados, mas durante o desenrolar da pesquisa e da escrita deste texto, ele acabou tornando-se algo muito maior, mostrando que as dificuldades dos(as) estudantes do curso vespertino-noturno de Pedagogia da FAGED/UFC vão além da realização destes estágios. E que ser aluno do período noturno é uma luta diária, dentro e fora da universidade.

As questões e reflexões apresentadas neste texto trazem o apontamento de que se torna necessário **pensar o curso noturno de Pedagogia para os estudantes do curso noturno de Pedagogia**. Nesse sentido, percebe-se que os problemas relatados neste trabalho podem causar certo estranhamento por parte de alguns(mas) estudantes de Pedagogia da FAGED/UFC que, por muitas vezes, não se reconhecem no próprio curso, devido à dificuldade de não conseguirem participar das atividades propostas que, em sua maioria, acontecem durante o dia e acabam tendo a graduação limitada. Muitas vezes, esses(as) estudantes sentem que ficam desfavorecidos(as) em relação aos(as) estudantes do período diurno, pois não conseguem participar das atividades e eventos que ocorrem durante o dia, quando conseguem, passam por dificuldades.

Ademais, o Estágio Supervisionado acaba se tornando um grande desafio para os(as) estudantes do curso vespertino-noturno, que muitas vezes precisam se ausentar do trabalho e, em casos mais extremos, até pedir demissão do emprego para cumprirem

as horas obrigatórias de estágio. Isso pode gerar conflitos com os empregadores e/ou dificuldades financeiras para esses(as) estudantes.

Além disso, a dificuldade de receber de maneira adequada os(as) estudantes do período noturno pode resultar em uma formação incompleta ou majoritariamente teórica, distante da realidade encontrada nas escolas. E isso pode gerar frustração e desmotivação nos(as) estudantes, que não conseguem vivenciar nos estágios o que aprenderam no decorrer da graduação.

Para mais, é importante destacar que, como vimos através dos relatos dos(as) entrevistados(as), esses desafios não são insuperáveis e que, com muito esforço e muita dedicação, os(as) estudantes do período noturno são capazes de realizar com sucesso seus estágios supervisionados. No entanto, é importante que as instituições de ensino e as escolas parceiras sejam sensíveis às necessidades dos(as) estudantes do período noturno e ofereçam opções flexíveis que permitam a eles(as) realizarem seus estágios de forma adequada e não prejudicial às suas situações financeiras.

Diante das informações obtidas com a pesquisa realizada com os(as) estudantes do curso de Pedagogia noturno da FACED/UFC, foi possível identificar as dificuldades enfrentadas pelos(as) alunos(as) em relação às atividades de estágio na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essas dificuldades incluem:

- a) Conflito de horários: choque de horário entre as atividades profissionais durante o dia e as atividades acadêmicas diurnas da universidade, sendo a principal delas o estágio supervisionado, que foi um problema recorrente apontado pelos(as) participantes desta pesquisa.
- b) Fadiga e sobrecarga: a rotina de trabalhar durante o dia e estudar à noite leva os(as) estudantes a um constante estado de cansaço físico e mental. E essa sobrecarga de tarefas e responsabilidades pode prejudicar o rendimento e a qualidade no estágio e nas demais atividades acadêmicas.
- c) Falta de tempo: o tempo é um recurso limitado e o(a) estudante-trabalhador(a) sofre muito com esse problema, pois falta tempo disponível e de qualidade para realizar as demandas provenientes de um curso de graduação e, quando chega o momento do estágio, esse tempo fica ainda mais escasso. Isto porque o estágio requer atividades como o planejamento de aulas, preparação de materiais e uma reflexão sobre o que foi absorvido durante essa experiência.

- d) Estresse e pressão: a combinação do trabalho diurno e do estágio para estudantes do período noturno pode criar estresse adicional para eles(as), que podem se sentir pressionados(as) com a necessidade de conciliar as responsabilidades de trabalho, estudo e estágio. Isto pode trazer um impacto negativo na saúde mental e no bem-estar desses(as) estudantes, que se sentem cansados(as) e pressionados(as) durante a maior parte do tempo.
- e) Impacto na qualidade do estágio: os estudantes do curso vespertino-noturno apresentam expectativas e demandas específicas em relação ao estágio, que muitas vezes não são atendidas pelo formato atual do curso. Por conta do trabalho e/ou outras atividades que precisam ser executadas durante o dia, os(as) estudantes relataram que não conseguiram participar do estágio como gostariam, pois, devido às limitações de tempo, esses(as) estudantes acabam não conseguindo se envolver plenamente nas atividades do estágio. Além disso, relataram que o estágio acabou acontecendo de maneira muito apressada e que mesmo já tendo passado por boa parte do curso, ainda não se sentiam preparados(as) para esta atividade.

Portanto, faz-se de extrema importância repensar a estrutura curricular do curso de Pedagogia noturno, a fim de torná-lo mais adequado às necessidades e demandas desses(as) estudantes que tanto lutam para concluir sua graduação. Arroyo (1991, p. 27) afirma que: “[...] o trabalhador-estudante e o ensino superior noturno são inseparáveis enquanto fenômenos sociais. Melhor, são a expressão dos vínculos cada vez mais estreitos entre trabalho e estudo, vínculos historicamente tensos e difíceis de equacionar.”

Dessa forma, é importante que, não apenas a UFC, mas as instituições de ensino superior em geral, se preocupem em oferecer uma formação adequada para os(as) estudantes do período noturno, levando em consideração as suas particularidades e necessidades e visando a promoção de uma educação de excelência e igualdade de oportunidades para todos(as) os(as) seus(suas) estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf. Acesso em: 15 jul. 2008.

ARROYO, M. **A Universidade, o trabalhador e o curso noturno**. Revista Universidade e Sociedade. Ano 1, nº. 1, fev. São Paulo, 1991.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 15**, de 02 de fevereiro de 2005. Solicitação de esclarecimento sobre as Resoluções CNE/CP nºs 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, e 2/2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **DOCUMENTO ORIENTADOR PARA ELABORAÇÃO DE PPC – PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO**. Fortaleza: 2022. Disponível em: <https://prograd.ufc.br/wp-content/uploads/2022/04/documento-orientador-ppc.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia diurno**. Fortaleza: 2013. Disponível em: https://www.si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657468. Acesso em: 20 set. 2023.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia Noturno**. Fortaleza: 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2GERjs3>. Acesso em: 15 set. 2023.

FILHO, A. T.; QUAGLIO, P. **O cenário urbano para o estudante do ensino superior noturno na cidade de São Paulo: triste realidade ou palco de heróis?** 2004. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millennium/article/view/8417>. Acesso em: 04 fev. 2023.

FURLANI, L. M. T. **A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN

0104-4036. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 22. out 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PONCE, Aníbal. A educação na comunidade primitiva. *In*: PONCE, Aníbal, tradução de José Severo de Camargo Pereira. **Educação e luta de classes**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Tradução de: José Severo de Camargo Pereira. p.17-33.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Roteiro para questionário e entrevista

1 – Qual seu gênero?

2 – Qual sua idade?

3 – Você possuía alguma atividade remunerada durante a realização do seu estágio? Se sim, precisou ausentar-se ou sair mais cedo desta atividade durante o período de realização do estágio?

4 – Caso a resposta para a pergunta anterior for sim, não trabalhar era uma opção pra você?

5 – Você considera que seu vínculo empregatício interfere na qualidade da sua formação?

6 – Dê sua opinião acerca das “relações entre trabalho e estudo no percurso discente”.

7 – Por que escolheu cursar Pedagogia no período noturno?

8 – De segunda a sexta-feira, quantas horas diárias costuma dedicar aos estudos?

9 – E durante o final de semana, quantas horas diárias você costuma dedicar aos estudos?

10 – Em quantas disciplinas estava matriculado(a) no mesmo semestre em que realizou seu estágio?

11 – Em qual semestre estava quando realizou seu estágio?

12 – Como você classifica a sua experiência de estágio?

13 – Justifique sua resposta anterior.

14 – Relate alguma experiência positiva e/ou negativa que teve no estágio.

15 – Você considera que o tempo disponibilizado para o estágio, tanto em sala com a professora supervisora, quanto na escola, foi o suficiente para uma experiência mais completa possível?

16 – Você considera que a UFC te preparou bem para a experiência de estágio? Justifique sua resposta.